

METÁSTASE DO IRRACIONALISMO

Maria Orlanda Pinassi*

A total frustração da liberdade no fascismo é, com efeito, o resultado inevitável da filosofia liberal.

Karl Polanyi, *A grande transformação*.

Para Lukács, as ideologias possuem um inextricável conteúdo social que lhes nega qualquer pretensão à neutralidade (que, por suposto, também é uma ideologia) e lhes coloca o imperativo de realizar uma função social definida no interior da luta de classes. Por isso mesmo é que, em diversas ocasiões, conclui afirmando que “nenhuma ideologia é inocente”.

É com tal convicção que Lukács se dispõe a realizar a síntese teórica da ideologia burguesa naquela primeira metade do século XX; começa por acusar o acentuado declínio do nível filosófico em função de um sofisticado afastamento da filosofia dos problemas concretos da realidade. Para ele, no entanto, o fenômeno não era novo nem surpreendente, mas algo “necessário e socialmente condicionado” pelo pragmatismo egocêntrico da racionalidade capitalista, cujo desprezo – ou temor – pela reflexão filosófica já havia sido detectado muito tempo antes por Marx e Engels. Tendo-os como parâmetros de suas próprias análises, os ensaios de Lukács a respeito, como, por exemplo, “Marx e o problema da decadência ideológica”¹ escrito em 1938, e *A destruição da razão*,² de 1952, comprovam a miséria tendencial da filosofia,

evidenciada em sua estreita e comprometida relação (de submissão a-crítica) com a realidade social.

Em outro dos seus portentosos estudos a respeito da história da filosofia, Lukács percorre o desenvolvimento juvenil de Hegel³ a fim de compreender a “conexão interna entre filosofia e economia, entre economia e dialética”, realizada pela história e sintetizada pelo filósofo alemão. Nesse estudo, Lukács verifica que a filosofia perante a modernidade é cada vez mais impelida a

[...] rebaixar o [seu] complexo problemático no sentido estrito para descobrir conexões mais profundas, e a dirigir sua atenção ao crescimento histórico do pensamento humano na ampla totalidade da compreensão científica da realidade concreta. É muito natural que, ao fazê-lo assim, as ciências da natureza estiveram e estão em primeiro lugar. O estudo da interação entre a ciência e a natureza por uma parte e a metodologia filosófica, a teoria do conhecimento e a lógica por outra, têm dado resultados nada desprezíveis [...]

Mas, segundo Lukács, essa positividade concretamente ontológica assumida pela conexão entre filosofia e economia é definitivamente interrompida pela própria mudança da situação social e seus desdobramentos. Ou seja:

Enquanto no começo da economia burguesa os grandes representantes da nova ciência viram nela, por uma parte, a ciência básica da vida social e, por outra parte, nas categorias econômicas, *relações entre seres humanos* – com uma honrada e ingênua ausência de prejuízos –, mais tarde penetra nessa ciência a fetichização das categorias econômicas, produto objetivamente necessário e crescente do desenvolvimento do capitalismo, até determinar cada vez mais profunda e decisivamente a metodologia das ciências sociais [...] em paralelo a esse processo, e em grande medida em conseqüência dele, a metodologia econômica deixa de ser a ciência fundamental da vida social para converter-se em uma

* Doutora em história pela Universidade de São Paulo (USP), professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos e professora de mestrado em história da Universidade Severino Sombra, em Vassouras.

das numerosas disciplinas particulares radicalmente especializadas. E como também a filosofia recorre em sua maior parte este caminho que leva a uma especialização como disciplina particular, se compreende que os filósofos não tenham tido sequer a idéia de fecundar seu trabalho metodologicamente pelo estudo detalhado das categorias econômicas.⁴

Com base nessa perspectiva crítica, Lukács acompanha o movimento mais do que dinâmico da *weltanschauung* burguesa, começando por sua formulação clássica – a sua constituição epopéica –, própria do período em que a filosofia ainda sedia o constructo crítico-reflexivo do processo revolucionário, até sua conversão em apologias fundadas na “liquidação de todas as tentativas anteriormente realizadas pelos mais notáveis ideólogos burgueses, no sentido de compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade, sem temor das contradições que pudessem ser esclarecidas”.⁵

A história alemã orgulha-se de um desenvolvimento que nenhuma outra nação anteriormente realizou ou virá alguma vez a imitar no firmamento histórico.

O momento em que irão prevalecer as características responsáveis por isso data do início da fase ascendente do capitalismo, marcada pelo caráter concorrencial das relações entre os países no grande mercado mundial. Desde essa fase, enfim, de consolidação da burguesia no poder e de uma definição cada vez mais clara e acirrada da luta de

classes, vão se confirmando aquelas palavras de Marx, tantas vezes evocadas por Lukács: *Les capacités de la bourgeoisie s'en vont*.

A problemática, porém, se amplia e se agrava nas formas que essa *decadência ideológica* da burguesia assume diante das condições de atraso histórico e material da Alemanha. A esse respeito, Marx pronunciou-se da seguinte forma:

A história alemã orgulha-se de um desenvolvimento que nenhuma outra nação anteriormente realizou ou virá alguma vez a imitar no firmamento histórico. Participamos nas restaurações de nações modernas, sem termos tomado parte nas revoluções. Fomos restaurados, primeiro, porque houve nações que ousaram fazer revoluções e, em segundo lugar, porque outras nações sofreram contra-revoluções; no primeiro caso, porque nossos governantes

tiveram medo e, no segundo, porque nada temeram. Conduzidos pelos nossos pastores, só uma vez nos encontramos na sociedade da liberdade, no *dia do seu funeral*.⁶

Nada mais conveniente, portanto, do que dissolver a “semente do dragão”, essa perigosa criação da história, tão bem apreendida pela dialética hegeliana, e, com isso, abrir os caminhos para a formulação de ideologias reacionárias, freqüentemente irracionais.⁷

Isso significa que as condições materiais advindas do processo pós-revolucionário fecundam a tendência reacionária da filosofia burguesa em ideologias de matiz ora apologético – no caso em que se buscava mitigar as contradições oriundas de revoluções radicais –, ora irracionalista – no caso em que se enaltecia as conquistas da “revolução filosófica”, e só filosófica, segundo Heine, da Alemanha. Ambas as vertentes estão absolutamente submetidas às necessidades contingenciais da burguesia que, independentemente da origem – se material ou filosófica – da revolução vivenciada, passa a lutar contra o materialismo, a dialética e a noção de progresso social fustigados pelo Iluminismo e pela filosofia hegeliana, dando-lhes interpretações substancialmente diferentes.

Para Lukács, a noção de razão e de progresso deve ter uma conotação radicalmente *social*, cujo parâmetro, depois dos embates de 1848, continuaria, apesar das promessas de emancipação universal, a ser dado pela *luta de classes*, dessa vez, entre burguesia e proletariado.⁸ Portanto, para ele, toda e qualquer tendência contrária à superação dessa contradição deveria ser considerada mais ou menos irracionalista.

Ainda que dificilmente haja uma filosofia reacionária que não contenha uma certa dose de irracionalismo, não cabe dúvida de que o raio de ação da filosofia burguesa reacionária é muito mais amplo do que o da filosofia irracionalista, no sentido próprio e estrito da palavra.⁹

O golpe contra a Razão é dado já pelas teorias apologéticas ao conceber que a *dialética* cumprira o seu definitivo dever histórico e que a *liberdade*, enfim, poderia ser gozada pelos homens na constituição e na conservação da sociedade burguesa, desde que zelassem pelo progresso conquistado mediante a chancela do capital. Mas, o irracionalismo consagrado por uma vertente do

romantismo anticapitalista significaria uma reação mais nitidamente ofensiva à noção de razão e de progresso consagrada pela Ilustração; uma passagem de *A destruição da razão* ilustra a situação:

O primeiro período importante do irracionalismo moderno surge, congruentemente com isso, em luta contra o conceito idealista, dialético histórico, do progresso; é o caminho que vai de Schelling a Kierkegaard e é, ao mesmo tempo, o caminho que conduz da reação feudal provocada pela Revolução Francesa à hostilidade burguesa contra a idéia de progresso.¹⁰

Mais grave, porém, ainda mais esclarecedor é que, segundo Lukács:

A situação muda radicalmente desde os combates de junho do proletariado parisiense e, principalmente, desde a Comuna de Paris: a partir de então, será a ideologia do proletariado, o materialismo dialético e histórico, o branco de ataque cuja natureza essencial determinará o desenvolvimento ulterior do irracionalismo.¹¹

Desde então, portanto, a ameaça representada pelo proletariado e pelo *espectro do comunismo* aproximaria tão bem as expectativas liberal-apologéticas das reacionário-irracionalistas que, ao final de algumas décadas, quase não se notariam diferenças entre suas manifestações.

Esses são alguns dos pressupostos que Lukács utiliza para destrinchar os fundamentos da filosofia irracionalista calçada na particularidade concreta do desenvolvimento histórico da Alemanha. Seu objetivo era o de desvendar as raízes e as principais características de um já tradicional irracionalismo filosófico, exteriorizado e materializado, então, pelas conveniências (e horrores) do Terceiro Reich como uma nova forma de reação à instabilidade oriunda do liberalismo sem peias. Essa reação, vulgarmente conhecida por *fascismo*, tanto quanto em suas manifestações teóricas anteriores, surgia na suposição de que os meios clássicos (liberais) da política burguesa haviam esgotado todas as possibilidades de controlar as freqüentes convulsões econômico-sociais do capitalismo e de conter o avanço das classes trabalhadoras.

Mas, conforme o próprio Lukács, se o fascismo parecia circunscrever-se às particularidades histórico-sociais dos países de capitalismo tardio e antidemocrático, nada impedia que outras formas renovadas de irracionalismo se convertessem em um “fenômeno internacional [portanto, gene-

ralizado], tanto no que tem de luta contra a idéia burguesa de progresso como no que encerra de hostilidade contra o socialismo”.¹² De fato, a história mais recente habilita a afirmação de que as saídas irracionalistas são a própria expressão das soluções apologéticas.

DEMOCRACIA IRRACIONALISTA

No genial epílogo à *Destruição da razão*,¹³ intitulado “Sobre o irracionalismo no pós-guerra”, Lukács transcende a especificidade da história alemã – e seu pendor para o idealismo reacionário –, reafirmando, muito acertadamente, uma tendência à universalização do irracionalismo, capitaneada pelos Estados Unidos da América desde a “vitória dos países aliados” sobre as forças regressivas. É nesse ensaio que Lukács simplesmente demole a mística dos maniqueus da Guerra Fria, a poderosa trupe recém-saída dos desvãos (i)morais das primeira e segunda grandes guerras.

Naquelas circunstâncias, é arrasadora a sua crítica da ideologia burguesa na medida em que desnuda a imaginária linha interposta entre os apologéticos princípios democráticos do liberalismo e os irracionais (e brutais) métodos de intervenção econômica e social do fascismo, que, há tempos, vinham se alternando para corrigir os defeitos causadores das incômodas mas pródigas crises cíclicas e assegurar a reprodução do sistema do capital.

Evidenciada a estreita e necessária relação entre essas duas formas de representação burguesa – *democracia & fascismo* –, termos responsáveis pelo movimento pendular do processo histórico – a modernidade regida pelo capital – no horizonte dessa forma societal nada parecia restar além de meros e mesquinhos interesses de natureza econômica.¹⁴ Vejamos uma passagem daquele ensaio escrito no inverno de 1953:

As prerrogativas do presidente dos Estados Unidos, o poder de decisão da Suprema Corte em matéria constitucional (bem entendido que um problema se considere ou não como tal depende sempre do arbítrio do capital monopolista), o monopólio financeiro sobre a imprensa, a rádio, etc., os enormes gastos eleitorais que impedem eficazmente a formação e o funcionamento de verdadeiros partidos democráticos junto aos tradicionais dos monopólios capitalistas, e finalmente o emprego de meios terroristas (o sistema de Linch), tudo

contribuiu a pôr em pé uma “democracia” que funciona como uma máquina bem aceita e que pode atingir, de fato, sem romper formalmente com a democracia, tudo aquilo a que aspirava Hitler”.¹⁵

Mais adiante, Lukács recorre à “humanista” visão de mundo do general Cummings, personagem tipicamente norte-americano composto por Norman Mailer para o romance *Os nus e os mortos*, comprovando que o irracionalismo não é o avesso da Meca defensora do “mundo livre” e do progresso, ao contrário. São do suposto general as palavras:

A energia cinética de um país é a organização, o esforço concentrado; o fascismo, como vocês o chamam. O plano do fascismo é, bem considerada a coisa, muito mais sã do que o do comunismo, já que se baseia regidamente na verdadeira natureza do homem; o que ocorre é que se tem colocado em marcha em um país pouco apto para isso, que não possui poder potencial suficiente para desenvolver-se integralmente. Na Alemanha, que adoece de uma escassez fundamental de bens naturais, tinham que se produzir necessariamente excessos, mas a idéia e o plano eram bons [...] No século passado, todo o processo histórico foi desenvolvendo-se no sentido de criar concentrações de poder cada vez maiores. O século em que vivemos vislumbra novas fontes de energia física e traz consigo a expansão de nosso universo, as forças políticas e a organização necessárias para tornar possível isto, pela primeira vez. Pela primeira vez em nossa história têm os poderosos homens da América do Norte, eu lhes asseguro, a consciência de suas verdadeiras metas. Fixe bem: depois da guerra, nossa política exterior será muito mais descarnada e menos hipócrita que antes.¹⁶

Desde então, o imperialismo norte-americano formularia uma ideologia “antitética” aos fascismos alemão, italiano e japonês, menos por escrúpulo moral ou repúdio à violência, à destruição, ao elogio da morte e mais por ter rejeitado as formas regressivas do capitalismo monopolista alemão ao processo mais amplo de funcionamento imperialista do sistema. O recurso, convenientemente amparado na “garantia das liberdades democráticas”, legitimaria a defesa dos mecanismos cada vez mais agressivos de realização e dominação do capitalismo contra o seu verdadeiro antípoda de então, personificado no *socialismo de tipo soviético*.¹⁷

No mesmo texto, Lukács afirma ainda que as circunstâncias criadas no pós-guerra concretizariam as pretensões imperialistas dos Estados Unidos da América de capitanear o sistema hierárquico do capital e que tais pretensões dar-se-iam mediante o

prolongamento – sempre ampliado – do “abortado” projeto irracionalista de Hitler. De fato, a história vem comprovando a veracidade das palavras de Lukács, da mesma forma, porém, a experiência nacional-socialista não parece ter sido *tão-somente* a materialização do irracionalismo vertido das condições históricas particulares da Alemanha, nem a política norte-americana do pós-guerra um simples prolongamento das pretensões nacional-socialistas historicamente localizadas.

O problema é bem maior e mais complexo, pois, os Estados Unidos da América, antes de se inspirarem no irracionalismo fascista, parecem ter sido fonte de inspiração e admiração por parte dos ideólogos de Hitler. Conforme Losurdo, “já nos anos 1920, entre a Ku Klux Klan e os círculos alemães de extrema direita, se estabeleceu relações de troca e de colaboração na insígnia do racismo anti-negros e anti-hebraicos”.¹⁸ Entre outras evidências, factuais e ideológicas, são muito significativas as palavras proferidas por Rosenberg, ainda em 1937, mostrando as mais que evidentes afinidades entre as mútuas propensões para o irracionalismo: para ele, os Estados Unidos da América são “um esplêndido país do futuro”, país que “tem tido o mérito de formular a feliz ‘nova idéia de um Estado racial’, idéia que agora se trata de colocar em prática, ‘com força renovada’, mediante a expulsão e a deportação dos ‘negros e judeus’”.¹⁹

Portanto, para Losurdo, os termos *liberdade e democracia*, há muito tempo, carregam a insígnia da exclusão social e da segregação racial, ensejam a violência e a particularização de interesses cada vez mais comezinhos, motivo pelo qual perderam, nos limites da perspectiva do capital, as prerrogativas de sua razão histórica.²⁰

Além disso, os fatos vêm comprovar que na contenda pela hegemonia do mundo encantado do capital as divergências de natureza política são a expressão indispensável – mas nanica – das marcantes afinidades econômicas do sistema. Melhor dizendo:

A principal função do intervalo totalitário é *reconstituir* a estrutura geral do metabolismo social capitalista e, assim, preparar o terreno para um retorno do modo pluralista de legitimação político-ideológica. Por isso, logo após o interlúdio totalitário, os representantes da ideologia dominante procuram se dissociar com estardalhaço do “Estado de emergência” historicamente recém-superado,

que muitos deles ajudaram a instituir ativamente. Tal mudança de atitude não deve ser considerada uma simples acomodação pessoal oportunista às novas circunstâncias, por mais forte que possa ter sido a motivação em alguns casos bastante conhecidos. Antes de tudo, o ponto é a pressão exercida pela pluralidade dos capitais no que dizia respeito a suas exigências objetivas de funcionamento.²¹

POR FALAR EM ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA...

Uma das mais conhecidas – e controvertidas – teses marxianas afirmava que o desenlace definitivo do sistema sócio-metabólico do capital irromperia do seu pólo mais evoluído. No tempo em que a tese fora proferida, a Inglaterra era o país que, mais apropriadamente, reunia as condições necessárias ao cumprimento desse importante papel histórico. A expectativa – otimista – de Marx, enunciada em 1847, se estabeleceu com base na correspondência entre o acentuado desenvolvimento industrial e, tal como ele considerara, o conseqüente desenvolvimento da classe trabalhadora associada em seus próprios órgãos de representação sindical e política.²² No entanto, os sucessivos adventos da luta pelo socialismo – dentre os quais a Revolução Russa foi, sem sombra de dúvidas, sua experiência mais significativa –, confrontavam aquela tese, insistindo medrar nos elos mais débeis do circuito capitalista.²³

Ao analisar o fracasso das tentativas de consolidação²⁴ até aqui concretas do socialismo, Mészáros recompõe a gravidade do problema, interrompendo, de modo inexorável, o curso mais ou menos tranqüilo das teorias apologéticas que pretensamente vêm defendendo a naturalidade e a universalidade perene do capital.

Lembra, porém, o filósofo que “a questão da universalidade apareceu na filosofia do iluminismo de forma enfática, atingindo seu clímax na síntese monumental realizada por Hegel” em sua *Filosofia da história*. E, já naquela época, “os aspectos destrutivos da universalidade antagônica do capital se tornaram muito mais pronunciados” do que a positividade apontada pelos ainda bem intencionados defensores do progresso material/espiritual da sociedade emergente. Aliás, esse foi o ponto central do dilema de Hegel em relação ao progresso:

O núcleo real da concepção de Hegel da “tragédia do ético” é que ele concorda inteiramente com a visão de Adam Smith de que o desenvolvimento das forças materiais de produção é progressivo e necessário, mesmo com respeito à cultura... Ele tem a mesma força de Smith e Ricardo em suas críticas severas às queixas dos românticos sobre o mundo moderno e desdenha sua sentimentalidade, que se fixa em particulares e não vê a situação inteira. No entanto, ao mesmo tempo ele também vê – e isto o aproxima dos interesses e preocupações de Balzac e Fourier – que o tipo de homem produzido por esse avanço material do capitalismo, e por meio deste, é a negação prática de tudo o que é grande, significativo e sublime que a humanidade tenha criado no decorrer da história até então. A contradição de dois fenômenos necessariamente conectados, o elo indissolúvel entre o progresso e a degradação da espécie humana, a aquisição do progresso à custa de tal degradação – este é o centro da “tragédia do ético”. Assim Hegel articula uma das maiores contradições da sociedade capitalista e, com certas ressalvas, de todas as sociedades de classe.²⁵

O amadurecimento daquela contradição potencialmente trágica

[...] que poderia ser considerado apenas latente no passado mais distante veio à tona com força total sob a forma de duas guerras globais devastadoras e dos estragos do imperialismo. Ao mesmo tempo, tanto no campo do armamento militar quanto no plano ecológico, os meios e métodos de destruição avançaram a tal ponto que o caminhar irreprímível do capital rumo à dominação universal pode agora ameaçar a própria sobrevivência da humanidade.²⁶

Pode-se, com isso, dizer que Mészáros, em seus últimos e, até aqui, decisivos trabalhos de crítica ao capital,²⁷ desmistifica toda e qualquer ilusão a respeito de toda e qualquer positividade que se pretenda emanável desse sistema de funcionamento sócio-metabólico confrontando-o com a sua essência

Assim “é muito mais provável que uma convulsão social venha a ocorrer na América Latina do que nos Estados Unidos da América, com implicações de longo alcance para o resto do mundo”.

evolutiva e concretamente totalitária, antiontológica e substancialmente destrutiva. Para tanto, revivifica a oportunidade historicamente recolocada e revigorada daquela tese marxiana, profundamente realista na sua essencialidade histórica – ou seja, de que a classe trabalhadora permanece *potencialmente revolucionária* – desde que desprovida de qualquer otimismo com a já defunta potencialidade civilizatória do capital.²⁸

Assim, quando afirma que “o futuro do socialismo será decidido nos Estados Unidos da América, por mais pessimista que isso possa parecer”, na verdade, ele está realizando uma superação (*aufhebung*) na melhor tradição dialética daquela idéia de Marx sobre a transição. Ou seja, Mézáros reafirma que a fratura definitiva do sistema atingirá primeiro a base do seu pólo mais evoluído, não por suas propriedades positivas para o desenvolvimento da classe trabalhadora, mas, ao contrário, por ser esse o lugar que, de modo mais intenso, manifestarão o amadurecimento e a agudeza das suas contradições.

De fato, o destino da classe trabalhadora assim constituída está inextricavelmente associado ao sistema sócio-metabólico e hierárquico do capital, que além de negar-lhe a condição de sujeito da história ainda reforça a sua sociabilidade deformada, reificada e alienada. Isso significa que, nesse sistema, os trabalhadores, além da exploração material a que são submetidos, recebem pronta a sociabilidade a qual devem sujeitar-se para viver e organizar-se enquanto *classe para o capital*. Sob a vigência do capital, a história vem reafirmando a prevalência das condições de constrangimento sobre as classes trabalhadoras, muito mais do que suas possibilidades efetivas de emancipação.

Aliás, essa é uma das mais importantes argumentações de Mézáros para considerar *defensivas* todas as estratégias anticapitalistas – sindicais e políticas – até hoje articuladas e/ou praticadas, pois em nenhum desses casos se conseguiu vislumbrar algo para além do existente. Mais grave do que isso, porém, é observar que independentemente das circunstâncias históricas – se críticas ou favoráveis – de funcionamento do capital, são as classes trabalhadoras que substancialmente sofrem o ônus decorrente do agravamento da situação. Movidas por convulsões internas, no entanto, elas têm sido conduzidas a uma luta não

contra a ordem que as explora e desumaniza, mas para assumir perspectivas absolutamente alheias aos seus próprios interesses.

Isso comprova o otimismo, justo à época, de Marx – e também de Engels, Lênin, Rosa, Trótsky, Gramsci, Lukács e outros argutos críticos socialistas ao longo do século XX – em relação ao desenvolvimento da potencialidade ofensiva da classe trabalhadora associada ao progresso material e à racionalidade econômica do capital. Ao contrário do que possam ter acreditado esses que foram os mais contundentes críticos do capital, teóricos e militantes da luta pelo comunismo, as classes trabalhadoras foram, e continuam sendo, tão profundamente golpeadas e alijadas de uma autêntica percepção de classe dominada que, principalmente em situações de crise mais profunda, *seu horizonte ideológico manifesta-se muito mais em função do contingenciamento histórico do que de sua mais que necessária potencialidade revolucionária*. Por isso mesmo é que, freqüentemente, não consegue vislumbrar nada além de ufanismos nacionalistas, fundamentalismos religiosos, de racismos intolerantes e sua luta, muitas vezes encarniçada, se estabelece na preservação da forma societal que tem no trabalho alienado a projeção do seu inferno. Por isso ainda é que a *potencialidade revolucionária* da classe trabalhadora, cuja singularidade afirma-lhe a condição de sujeito da história, só irromperá do enfrentamento definitivo contra a (ir) razão do progresso movido pelo capital.

Entretanto, a imposição das conveniências contingenciais exigidas pelo capital provoca, sobretudo nos países capitalistas avançados, “uma enorme inércia pelos interesses ocultos do capital [...] junto com a cumplicidade consensual do trabalhismo reformista”. Assim “é muito mais provável que uma convulsão social venha a ocorrer na América Latina do que nos Estados Unidos da América, com implicações de longo alcance para o resto do mundo”. A explicação disso reside no fato de que “a necessidade de uma mudança radical é muito mais urgente na América Latina do que na Europa e nos Estados Unidos da América, e as soluções prometidas de ‘modernização’ e ‘desenvolvimento’ demonstraram não passar de uma luz que se afasta num túnel cada vez mais longo”.²⁹

Mesmo concordando com o fato de que as experiências socialistas do século XX se realizaram

prematura e equivocadamente em países capitalistas atrasados; mesmo reconhecendo que tanto o desempenho como o desfecho mais que lamentável de cada uma dessas experiências reacende a urgência de se ativar a perspectiva histórico-ontológica de Marx; mesmo que se siga a linha de raciocínio de Mészáros que nega a correlação entre o desenvolvimento material do capital e o desenvolvimento da luta dos trabalhadores, ainda assim a tese permanece polêmica.

A partir dela somos colocados diante do mais radical dos paradoxos da atualidade: que o futuro do socialismo será decidido justamente no país que, em virtude da sua própria e irracional concepção de “mundo livre”, idealiza e executa, por meio do complexo industrial-militar mais dinâmico do planeta, os mais horrendos crimes e as mais portentosas guerras da história. E, ainda a esse respeito, *são muito esclarecedoras* as reflexões de Mészáros sobre os conceitos de razão, ciência/técnica e progresso assumidos na vigência atual do capital e devidamente materializados pelo imperialismo norte-americano:

O desenvolvimento histórico produziu o perverso agente material do complexo militar-industrial e os “truques habilidosos” dos “técnicos engenhosos”, por meio dos quais a “astúcia da Razão” parece preste a *levar a melhor sobre si mesma*, assumindo a forma de *irracionalidade total* e, em vez de realizar a liberdade na história, coloca um ponto final na própria história.³⁰

Por isso, se a premissa for correta, será preciso mais do que sangue-frio para ir além de todo antiamericanismo – no geral forjado pelo pior dos nacionalismos, aquele que, como se disse, mitiga a real contradição de classe, para enfrentar o extraordinário poder de extermínio do império norte-americano. E, independentemente da personificação política que o conduza – se democrata, se republicana –, a quebra absoluta desse poder constitui o “desafio da hora” da alternativa socialista, a única esperança de sobrevivência para a humanidade.

MAIS UMA PALAVRA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA...

Hoje é quase impossível se fazer alguma alusão ao país sem lembrar do fatídico 11 de setembro. Não é para menos, afinal, desde aquele dia tem

sido grande o bombardeio de “notícias da guerra”, notícias novas, velhas, requeentadas, de fatos reais, atroz, ardilosamente banalizados pela frequência do “tema” e pela impassibilidade dos mediadores. As notícias, na sua imensa maioria, inscrevem a defesa das “liberdades democráticas”, o constructo ideológico das guerras preventivas, visando conferir autoridade às pretensões universalistas mais recentes do capital, urdidas e representadas pelo império norte-americano. Mas, como já se disse antes, nada mais patético do que assistir ao renovado reconhecimento dessa pretensão do capital há muito tempo desmistificada.³¹

Ora, a estratégia dessa guerra ideológica é a de converter a guerra real, militar, sanguinária, num fato corriqueiro, cotidiano, medíocre, “saneador” que satura pela repetição e imobiliza pela velocidade com que se veiculam os “incríveis dados” a respeito. Perante a eles, opiniões “igualmente incríveis” têm a pretensão de constranger e desqualificar explicações alternativas; hipóteses que não se amparem na sempre redentora neutralidade científica, ou na descrição rasa do “jornalismo imparcial e sério”, são descartadas, jogadas na “vala da conspiração”, resultado inconveniente do alarmismo e do extremismo daqueles têm “imaginação demais e objetividade de menos”. Essa ampla cruzada contra a “ideologização dos discursos”, na verdade, é uma exigência do próprio capital que visa garantir a uniformidade virulenta da perigosa *ideologia única* através dos meios mais diversos até mesmo dos mais violentos.³²

Por isso mesmo é que grande parte da intelectualidade prefere tangenciar a problemática e acreditar na “profecia” segundo a qual

[...] à medida que a revolução retrocede para o passado, o revisionismo ganha terreno, juntamente com um modo de vida mais semelhante ao da classe média. Quanto mais os homens desfrutem da posse de um mundo que correm o risco de perder, tanto menos impacientes ficam para mudar esse mundo.³³

No entanto, vimos que há muito tempo esse tipo de reconciliação com o existente deixou de ser uma elaboração de incautos; hoje ela é substantiva de uma generalizada tomada de posição cínica e irresponsável, até porque esse mesmo “mundo que se pretende preservar” muda permanentemente e de modo absolutamente desumano, sem que os

homens tenham consciência disso (como, aliás, afirmava nosso bom e velho Marx).

Essa ignorância (ou fobia) olímpica pela natureza imanente – e transcendentemente – trágica do capital é que permite o restabelecimento diuturno e anacrônico da valoração burguesa de liberdade e racionalidade. Por isso mesmo é que, durante muito tempo, “a principal linha da ideologia dominante, em suas tentativas de minimizar a importância da alternativa socialista, consistiu em restringir essa última às condições de subdesenvolvimento”.³⁴

Apesar da avalanche de críticas contra a “política de retaliação” criminosa desferida imediatamente pelo governo Bush, poucas ousaram ir além da imediatidade dos fatos. A reação mais comum fecundava alguns dos mais graves dilemas da Guerra Fria, dilemas que, na realidade constituída pela vigência atual do capital, parecem obsoletos, quando não cínicos. Por isso, foi, no mínimo, inexplicável a indignação desconcertada dos partidários da ordem, da paz e da normalidade diante do estado de beligerância perpetrado pelos Estados Unidos da América contra os “inimigos da liberdade democrática”, indistintamente classificados de terroristas.

Observadas as diferenças históricas, a situação parecia reeditar o Movimento pela Paz³⁵ dos anos de 1950, uma tentativa do Kremlin de articular um grande *front* antiamericano, uma resposta do *socialismo realmente existente* aos objetivos expansionistas de Washington. As estratégias foram, então, as mesmas que anos antes haviam sido utilizadas pela coalizão anti-hitleriana. Segundo Fernando Claudín:

A idéia tática essencial da nova linha consistia em explorar a fundo as contradições entre a expansão americana e as burguesias nacionais européias ou de outras localidades; em agrupar, como dizia Zdanov, ‘todas as forças dispostas a defender a causa da honra e da independência nacional’ e a mobilizar todos os partidários da paz contra o perigo de uma Terceira Guerra Mundial. Pretendia-se mobilizar tudo o que fosse mobilizável para trazer os chefes americanos à razão e obrigá-los a retomar o caminho de Yalta.³⁶

Dentre os vários anacronismos históricos havidos entre uma e outra situação, o mais evidente está na extinção da antiga União Soviética como antípoda do império norte-americano, antípoda que,

apesar de ter sido fundamentalmente ideológico, foi capaz de mobilizar, em torno de uma campanha mundial, um amplo e arraigado sentimento antiamericano. O mesmo acontece com os objetivos da contraposição entre guerra e paz. Nos anos de 1940 e 1950 a luta pela pacificação do mundo teve sua importância consagrada na grande cisão entre os mundos capitalista e pós-capitalista. No entanto, a história incumbiu-se de amadurecer os limites do *socialismo realmente existente*, cujo caráter pós-capitalista revelar-se-ia contingencial e necessário ao expansionismo e desenvolvimento do próprio sistema sócio-metabólico do capital.

Por tudo isso, desde os anos de 1990 fica evidente o fim da fase ascendente do capitalismo e o esgotamento da sua potencialidade civilizatória; da mesma forma ficou “para as calendas” a ilusão de que a emancipação viria com a correção dos defeitos do *socialismo de tipo soviético*. Entretanto, por mais crítico que se possa – e que se deva – ser em relação a esse antagonista histórico do capitalismo, o fato é que essa experiência conseguiu conter, por mais de setenta anos, os impulsos mais selvagens do capitalismo, impulsos que desembestaram na afirmação da sua hegemonia, contingencialmente comandada pelo império norte-americano.³⁷

Até por isso é que são cada vez mais complicados e incompreensíveis os discursos que fazem a apologia da embaraçosa “ordem progressivamente saudável e racional do capital”. Sem antípoda, o quadro fecunda a realidade prenhe de regressividades que tragicamente superam cada vez mais o terreno da filosofia, e revelam o caráter mais nitidamente parasitário e punquista do capital. Amparada na crença da *ideologia única*, essa sua essência é investida, sobretudo, contra o trabalho tomando-lhe de assalto os direitos que haviam sido conquistados por meio de lutas e de enfrentamentos violentos, direitos substituídos por “reformas absolutamente necessárias”. Para quem, afinal?

Assim, se houver algum sentido real nisso, a pregação *da ordem, ditada por um sistema sem antagonista e absolutamente descontrolado*, corresponde ao restabelecimento de uma mais do que falida democracia burguesa e de uma normalidade pressuposta por desemprego, miséria, exploração, por racismo, destruição ambiental, violência sexual – contra mulheres e menores – por

discriminação cultural, fundamentalismos político-religiosos, por uma crise estrutural sem precedentes na história do capitalismo. Ou seja, se no horizonte não se vislumbrar o socialismo objetivado num mundo radicalmente transformado, restará vivenciar a universalização de capital em suas mais cruéis e absurdas formas de irracionalismo.

NOTAS

- ¹ Georg Lukács, *Marxismo e teoria da literatura* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968), pp. 49-112.
- ² Georg Lukács, *A destruição da razão – a trajetória do irracionalismo de Schelling a Hitler* (Barcelona/México: Ediciones Grijalbo, 1972).
- ³ *El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista*. (México: Editorial Grijalbo, 1963).
- ⁴ *Ibid.*, pp. 31-32 (grifos do autor).
- ⁵ Georg Lukács, *Marxismo e teoria da literatura*, cit., p. 52.
- ⁶ Karl Marx, “Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel”, em *Manuscritos econômicos e filosóficos* (Lisboa: Edições 70, 1993), p. 79 (grifos do autor).
- ⁷ A *irratío* é, primeiramente, uma proposição de caráter romântico, uma crítica decorrente das insatisfações com os rumos tomados pela revolução burguesa que, assumidamente, aponta o passado como o local da perfeição e da harmonia.
- ⁸ Nessa medida, ele até pode assumir a universal radicalidade revolucionária dos jacobinos, mas não a sua causa imediata.
- ⁹ Georg Lukács, *A destruição da razão – a trajetória do irracionalismo de Schelling a Hitler*, cit., p. 3.
- ¹⁰ *Ibidem*.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 6.
- ¹² *Ibid.*, p. 14.
- ¹³ Para além dos equívocos políticos e históricos que essa obra possa conter, equívocos que se objetivam principalmente na sua perspectiva sobre o devir da razão localizado no sistema soviético, a sua grandeza reside na crítica arguta que desfere contra o sistema do capital.
- ¹⁴ *Grosso modo*, durante toda a sua vida Lukács vislumbrou a saída do *reino da necessidade* na experiência concreta do *socialismo de tipo soviético*, desde que corrigidas as deformações impostas pela longa era estaliniana. Ver a respeito o longo estudo realizado por István Mészáros na Parte II, capítulos 6 a 10, de *Para além do capital – rumo a uma teoria da transição* (São Paulo: Boitempo Editorial/Edunicamp, 2002) pp. 347-516.
- ¹⁵ Georg Lukács, *A destruição da razão – a trajetória do irracionalismo de Schelling a Hitler*, cit., p. 622.
- ¹⁶ *Ibid.*, pp. 622-623 (grifos meus).
- ¹⁷ Remetemos o leitor à leitura dos capítulos 17 e 18 do livro *Para além do capital* que trazem uma leitura original e muito interessante do caráter pós-capitalista assumido pelo socialismo realmente existente.
- ¹⁸ Domenico Losurdo, “Guerra preventiva, americanismo e antiamericanismo”, em revista *Margem Esquerda*, nº 5, São Paulo, p. 64.
- ¹⁹ Alfred Rosenberg, *Der mythus des 20. Jabrhunderst – 1930*, apud Domenico Losurdo, “Guerra preventiva, americanismo e antiamericanismo”, cit., p. 68. Reforçando de modo decisivo a idéia, mais adiante Domenico Losurdo afirma que o termo *untermensch*, “que tem um papel tão central quanto nefasto no desenvolvimento da teoria e da prática do Terceiro Reich, não é outro senão a tradução de *Under Man*. Rosenberg reconhece o fato e exprime a sua admiração pelo autor estadunidense Lothrop Stoddard: a ele cabe o mérito de haver, pela primeira vez, cunhado o termo em questão, que se encontra no subtítulo (*The Menace of de Under Man*) de um livro publicado em Nova York em 1922 e na sua versão alemã (*Die Drohung des Untermenschen*) publicada três anos depois”.
- ²⁰ Ver a respeito o interessantíssimo artigo de Domenico Losurdo intitulado “Guerra preventiva, americanismo e antiamericanismo” publicado originalmente em Giuseppe Prestipino (org.), *Guerra e paz* (Nápoles: Istituto per gli Studi Filosofici, La Città Del Sole, 2004), pp. 137-169, tradução minha). Além desse estudo, dois outros, outrora muito lidos, mas, hoje, injustamente esquecidos, são absolutamente obrigatórios para o aprofundamento da questão: um deles, escrito em conjunto por Paul Baran e Paul Sweezy, *Capitalismo monopolista – Ensaio sobre a ordem econômica e social americana* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966) e o outro escrito somente por Sweezy, *Teoria do desenvolvimento capitalista* (Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976). O mesmo se pode dizer a respeito do item ‘O racismo nos Estados Unidos durante a segunda guerra mundial’, capítulo 1. “A linhagem do racismo nacional socialista”, do livro supracitado de João Bernardo.
- ²¹ István Mészáros, *O poder da ideologia* (São Paulo, Boitempo Editorial, 2004), p. 244.
- ²² Segundo Marx, os “economistas querem que os operários permaneçam na sociedade tal como ela está formada e tal como eles a consignaram e sancionaram em seus manuais. Os socialistas querem que os operários deixem de lado a sociedade antiga para que possam entrar melhor na sociedade nova que tão previdentemente preparam para eles. Apesar de uns e outros, apesar dos manuais e das utopias, as coalizões não deixaram nunca de progredir e crescer com o desenvolvimento e o crescimento da indústria moderna. E isso a tal ponto que, hoje, o grau alcançado pela coalizão em um país assinala nitidamente o grau que ele ocupa na hierarquia do mercado mundial. A Inglaterra, onde a indústria atingiu o mais alto grau de desenvolvimento, possui as coalizões mais amplas e melhor organizadas”; cf. Karl Marx, *Filosofia da miséria* (São Paulo: Global Editora, 1989), p. 158.
- ²³ “Os limites objetivos da situação histórica dada forçaram até mesmo Lênin a buscar garantias muito problemáticas. Ora, nem mesmo ele podia imaginar a possibilidade de uma contradição objetiva entre a ditadura do proletariado e o próprio proletariado. Assim, em algumas questões vitais concernentes ao poder de Estado e sua relação com o proletariado, ele alterou radicalmente sua posição após a Revolução de Outubro com conseqüências de longo prazo para a classe trabalhadora”; cf. István Mészáros, *Para além do capital – rumo a uma teoria da transição*, cit., p. 739.
- ²⁴ Gostaria de ressaltar que o fracasso adveio das *tentativas de consolidação* do socialismo e não da sua condição resultante de um processo de lutas populares que foram, em alguns casos, absolutamente vitoriosas.
- ²⁵ Cf. István Mészáros, *Para além do capital – rumo a uma teoria da transição*, cit., pp. 538-539
- ²⁶ *Ibidem*.
- ²⁷ A sua obra de maior envergadura, o resultado extraordinário de mais de vinte anos de estudos críticos do mundo contemporâneo é *Para além do capital* aqui já citada.

- ²⁸ Na obra supracitada, ver subitem “23.3 As lacunas de Marx”, “Parte IV – Ensaio sobre temas relacionados”, pp. 1.044-1.056.
- ²⁹ Cf. István Mészáros, *Para além do capital – rumo a uma teoria da transição*, cit., pp. 29-30.
- ³⁰ István Mészáros, *O poder da ideologia*, cit., p. 288.
- ³¹ “[...] nas condições da sociedade de classes – devido à contradição inerente entre a ‘parte’ e o ‘todo’, devido ao fato de que o interesse parcial comina a totalidade da sociedade – o princípio da parcialidade está numa contradição insolúvel com a universalidade. Em consequência, é a sua relação de forças que eleva a forma predominante da parcialidade a uma universalidade fictícia, ao passo que a negação orientada para o ideal dessa parcialidade [...] deve permanecer ilusória, fictícia, impotente”; cf. István Mészáros, *Marx e a teoria da alienação* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981), p. 33.
- ³² Segundo Mészáros, o “impacto dessa perigosa tendência de nosso tempo atinge também áreas antes celebradas em nome do modelo que se presumia compulsório para todo o mundo: a estrutura institucional da democracia e da liberdade ocidentais. Mas o que antes foi um genuíno artigo de fé liberal, ainda que muito tênue, tornou-se nada mais do que uma fachada cínica para aventuras agressivas”. Para ilustrar a gravidade dessas palavras cita John Pilger, em *The New Rulers of the World* (Londres: Verso, 2003), p. 2: “O enfraquecimento da Carta dos Direitos nos Estados Unidos, o desmantelamento do julgamento por júri na Grã-Bretanha e de uma pletora de liberdades civis associadas são parte da redução da democracia a um ritual eleitoral: ou seja, a competição entre partidos indistinguíveis para ganhar a administração de um Estado de *ideologia única*.” Para Mészáros, enfim, a “mistificação ideológica e *Gleichschaltung* – que significa a compreensão em um modelo prescrito de uniformidade – é parte essencial desse processo opressivo. É, portanto, muito importante lutar contra os esforços correntes para impor em toda parte o Estado de ideologia única, não importa o quanto ele pareça ‘racional’ e universalmente louvável (cf. *O poder da ideologia*, cit., pp. 13-14).
- ³³ Raymond Aron, *The Industry Society*, apud István Mészáros, *O poder da ideologia*, cit., p. 175.
- ³⁴ István Mészáros, *O poder da ideologia*, cit., p. 540.
- ³⁵ A organização do Movimento pela Paz começa em 1948. Em agosto desse ano, acontece, na Polônia, o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, em novembro o Congresso Nacional dos Combatentes da Paz na França e, nos meses seguintes, diversas assembleias do mesmo tipo se desenrolam em diferentes países europeus. De 20 a 25 de abril de 1949 se reúnem em Paris e em Praga representantes de 72 países, incluindo o Brasil, no I Congresso Mundial dos Combatentes da Paz. Conforme os documentos do congresso a essa data se computavam cerca de 600 milhões de “combatentes da paz”; cf. Fernando Claudín, *La crise du mouvement communiste II* (Paris: François Maspero, 1972), pp. 662-663.
- ³⁶ Fernando Claudín, *ibidem*..
- ³⁷ É particularmente interessante a análise de Mészáros que conclui pela total impossibilidade do *capital global* constituir uma formação equivalente de Estado. A esse respeito, diz o seguinte: “Assim, a incapacidade do Estado de realizar plenamente o que em última análise é exigido pela determinação interior totalizadora do sistema do capital representa um grande problema para o futuro. A seriedade deste problema é ilustrada pelo fato de que mesmo Estado capitalista dono do poder hegemônico mais privilegiado – hoje, os Estados Unidos da América – deverá fracassar em suas tentativas de levar a cabo a missão de maximizar a *irrestringibilidade global* do capital e impor-se como incontestável Estado dominante do sistema do capital global. Inevitavelmente, ele permanece *nacionalmente limitado* em seu empreendimento, tanto política quanto economicamente – e sua posição de poder hegemônico está potencialmente ameaçada em função da mudança na relação de forças no nível dos confrontos e intercâmbios socioeconômicos internacionais –, independente de sua posição dominante como potência imperialista”, cf. István Mészáros, *Para além do capital – rumo a uma teoria da transição*, cit., pp. 130-131 (grifos do autor).